

# Problemas começam após a adolescência

Epitácio Pessoa/AE



Suzanne Osborn, e seu filho Philip, de 2 anos: inglês em casa

*Para neurologista, todos nascem com habilidade para discriminar sons, mas perdem com a idade*

A dificuldade em aprender uma língua estrangeira com perfeição e falá-la com a pronúncia correta após a adolescência tem uma explicação científica. Segundo o chefe do setor de Neurologia Infantil da Universidade Federal de São Paulo (ex-Escola Paulista de Medicina), Luiz Celso Pereira Vilanova, quanto mais cedo a pessoa tiver contato com outro idioma, melhor. "Nós nascemos com a habilidade de discriminar os sons de qualquer língua, mas vamos perdendo isso com o passar dos anos", explica. Essa capacidade é mais aguçada nos primeiros 5 anos de vida. "Vai depender de cada um, o limite de 12 anos não é hermético."

Ele alerta que para aprender a criança precisa de motivação. "Tem de ser lúdico e um processo natural", diz. Conforme o neurologista, o processo, desde que desenvolvido dessa maneira, pode ser usado em bebês. "Isso é comum, em especial quando o pai ou a mãe é estrangeiro e conversa com o filho em sua língua materna." Essa habilidade de discriminar sons pode ser estimulada. "Se a criança nunca tiver ouvido aquele som, ao aprender um idioma mais velha vai buscar no seu registro de

memória o que mais se aproximar daquele que é pedido e nem sempre consegue encontrar o correto, simplesmente porque o desconhece." Um bom exemplo é o do oriental, que troca o som de algumas letras, porque na sua língua materna eles não existem. "Se tivesse sido estimulado desde pequeno, aprenderia rápido, sem sotaque."

Para a professora adjunta de Distúrbio da Comunicação da Universidade Federal de São Paulo, Ellen Osborn, há exceções — pessoas capazes de aprender sem sotaque, mesmo adultas —, mas, no geral, a adolescência é o limite da perfeição. "A estimulação para uma outra língua pode ser feita se os pais tirarem uma parte do dia, pode ser dez minutos, para isso."

Ellen, filha de pai inglês e mãe brasileira, só se comunicava com os pais em inglês, desde o nascimento. Isso não impediu que ela aprendesse o português, exercitado com os amigos, sem sotaque. "Fiz o mesmo com meus filhos."

"A criança tem capacidade de aprender vários idiomas e não apenas um a mais", diz a professora. Mas ela chama a atenção para um problema. "O bebê que aprende mais de um idioma pode demorar mais a falar, mas isso não deve ser encarado como prejuízo." A questão deve ser um dos temas do 2º Congresso Brasileiro de Neuropsicologia, em maio, na Unicamp.

**C**APACIDADE  
É MAIOR NOS  
PRIMEIROS 5  
ANOS DE VIDA